

RSA TENTA CRIAR UMA SITUAÇÃO DE TENSÃO COM MOÇAMBIQUE

N. 22
2
80

★ **Objectivo: Desviar as atenções do Zimbabwe e transferir para o exterior as contradições internas da África do Sul**

O Governo da República Popular de Moçambique rejeitou categórica e firmemente as alegações da África do Sul segundo as quais o nosso País manteria bases a partir das quais se desenvolveriam acções militares contra aquele país. Tais alegações estavam contidas numa nota enviada, na passada terça-feira, pelo Departamento dos Negócios Estrangeiros sul-africano ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPM.

A referida nota, que foi amplamente divulgada na África do Sul e reproduzida pelas agências internacionais, insere-se numa acção de propaganda mais vasta com o objectivo de desviar as atenções mundiais da questão central na nossa zona — o processo da transição para a independência no Zimbabwe e a presença das tropas sul-africanas naquele país, em oposição ao que foi estabelecido nos acordos de Londres.

As autoridades sul-africanas já manifestaram a sua intenção de intervir abertamente no Zimbabwe caso a situação ali evolua de uma forma que considerem desfavorável aos seus interesses.

A par disto, a África do Sul tem vindo a concentrar grandes forças militares nas fronteiras com a República Popular de Moçambique, sendo fre-

quentes as violações das fronteiras e do espaço aéreo do nosso País.

Por outro lado, a RSA debate-se neste momento com uma grave crise interna, assistindo-se à agudização das tensões raciais e sociais e a um aumento da repressão e da violência.

Tudo isto leva a concluir que as forças mais belicistas do regime sul-africano estão a tentar criar deliberadamente uma situação de tensão que lhes sirva de pretexto para a agressão militar aos países vizinhos, como forma de transferir para o exterior as suas contradições internas.

Essas forças mais belicistas e retrógradas são hoje dominantes no regime sul-africano, opondo-se tenazmente à aplicação das medidas de «liberalização» do «apartheid» anunciadas no ano passado pelo Primeiro-Ministro Pieter Botha. Esta situação está a provocar graves divisões no seio do próprio regime e um recrudescimento das tensões internas no país. É neste contexto que o Governo sul-africano procura transferir para outros países a responsabilidade dos conflitos que o opõem ao Povo da África do Sul.

A República Popular de Moçambique condena firmemente a política de «apartheid» e é solidária com o Povo sul-africano — de acordo com os prin-

cípios constitucionais do nosso País e com as posições assumidas por toda a comunidade internacional. Da mesma forma, e de acordo com as normas internacionais, Moçambique recebe refugiados de diversos países.

A República Popular de Moçambique segue uma política de paz, boa vizinhança, cooperação e coexistência pacífica com Estados com regimes políticos e sociais diferentes do nosso.

Não existem no nosso País bases militares de forças que actuem contra a África do Sul. O nosso território não constitui ponto de partida nem de organização de acções militares contra a RSA.

A presente atitude do Governo sul-africano só pode aparecer, portanto, como uma provocação e uma tentativa de encontrar um pretexto para o prosseguimento da sua política agressiva contra o nosso País.

Face a essa atitude, que constitui uma ameaça à paz e à segurança na nossa região, o Povo moçambicano redobrará a sua vigilância e a sua firme determinação de continuar a defender a nossa independência, a nossa soberania, a nossa integridade territorial. Dirigido pelo Partido FRELIMO, o Povo moçambicano saberá sempre defender resolutamente a sua Pátria e a sua Revolução.